

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2015, Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título: *Quando o Sol Brilha*  
Autor: Rui Conceição Silva  
Revisão: Joaquim E. Oliveira  
Paginação: Maria João Gomes  
Capa: Sandra Figueiredo / Marcador Editora  
Imagens de capa: Shutterstock; © John Race, Vesna Armstrong / Trevillion Images  
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-168-1  
Depósito legal: 386715/15

1.ª edição: fevereiro de 2015

Dedicado ao TóZé,  
o meu irmão perfeito,  
que foi ver o Universo.

## FILHOS DO VENTO

«Acho que vi cavalos no horizonte.»

Disse o meu pai com olhos de luz, naquele sábado tão longe dos sonhos. Um sábado feito dos restos de antigas alegrias e prestes a sumir-se no escrevinhado calendário pendurado na parede da sala, um anuário tão preciso como um relógio e que tinha a absoluta certeza de que aquele era o dia 18 de outubro de 1975. E era um sábado fácil de descrever: eu lia um livro na varanda e o meu pai esperava pelos cavalos. Era assim ultimamente.

O sorriso do meu pai pacificou-me, sossegando pensamentos tristes que me invadiam, quase sempre àquela hora, quando a tarde se despedia e eu ficava a falar com o pôr do Sol sobre os meus silêncios, contando-lhe toda a verdade, todos os sentimentos que me asfixiavam, pois não se consegue mentir ao crepúsculo quando conversamos com ele. Dizia-lhe tudo o que sentia, que acreditava que os dias felizes apenas existiam nas lendas, nesses recantos míticos do coração em que tendemos a empolar pequenas centelhas de

alegria, dando-lhes o tamanho das estrelas. Curiosamente, falar com o pôr do Sol apaziguava-me. E incutia-me dúvidas. Que talvez os dias felizes tivessem morado no que eu era sem o saber. Que talvez valesse a pena remexer no meu coração, buscando sinais de alguma felicidade dentro das memórias. Talvez eu tivesse sido feliz sem querer, quase por desleixo, e fosse incompetente a fazer tristezas. Porém, eu sentia o corpo cansado de procurar esperança e uma crescente vontade de me reinventar. De transformar os meus olhos em ladrões de maravilhas. Como os olhos do meu pai, antigas sentinelas do seu mundo secreto, quase clandestino, e que eram agora vagabundos à solta, procurando cavalos no horizonte, livres e belos.

A chuva não voltara como havia prometido e os campos levantavam pó quando os ventos respiravam. O pôr do Sol despedia-se e o astro ia ficando dourado no horizonte, restos do verão que teimava em ficar, tirano das cores do céu, usurpando o lugar daquele outono de quatro semanas, ainda tão novo e inexperiente. E eu sentia saudades do velho outono, das suas rugas, das tardes ventosas em que as folhas aprendem a voar. Apoderara-se de mim uma nostalgia resignada, homem e natureza num só ser, ávidos da música das primeiras chuvas outonais. Mesmo os montes em volta pareciam cansados, e as florestas, desafortunadas. As andorinhas tinham partido e os ninhos nos beirais estavam cheios de silêncio. Havia destroços do verão por todo o lado, visíveis nos campos poeirentos e nos regatos agonizantes. Conseguia perceber-se que a natureza clamava pelo outono.

Vivíamos numa quinta que já tinha sido dos meus avós paternos, numa casa feita de pedra, acastanhada, vista de

longe, envelhecida, vista de perto. As paredes tinham a grossura de um pinheiro largo e somente o telhado não era o mesmo de origem. Era uma casa de dois pisos, com uma varanda de madeira no primeiro andar, de onde se via a serra e os campos em volta, e um rés do chão que nos guardava as coisas do campo. O milho na arca. As carnes na salgadeira. O vinho nos pipos. O azeite nas talhas. As batatas a um canto, muitas roídas pelos ratos. Uma mota a descansar. Tudo ao pé das alfaias agrícolas com que escrevíamos na terra.

Sempre a conhecera como a Quinta dos Jardins, talvez pela alcunha da minha família, quiçá pelos bonitos jardins que o meu pai e o meu avô se tinham dedicado a embelezar ao longo dos anos.

Aquelas terras tristes eram a minha pátria, o meu lar, o meu mundo, desde pequeno.

À noite, com a terra a repousar, conseguia ouvir o cantarolar do ribeiro que atravessava a quinta, fazendo coro com os últimos grilos. As cortinas ondulavam timidamente, trazendo pequenas brisas viajantes para o meu quarto, falando-me dos lugares onde tinham visto a nascente dos amanhãs. De um futuro que tinha qualquer coisa de doce e que eu não entendia, um sabor a esperança que estranhava. Como aquele fim de tarde sem outono, envergonhado e ansioso por se esconder.

Nessa imensidão de melancolia, só o sorriso do meu pai nos fazia bem, a mim e ao mundo.

«Vêm aí os cavalos», exultou o meu velhote, fazendo-me sorrir.

Eu já não estranhava aquela alegria. O meu pai ficava sempre assim no lusco-fusco, ao ver o regresso dos seus

cavalos feitos de sonhos, vindos dos campos do Leste, lá para os lados do rio. Silhuetas em movimento, semeando liberdade por onde passavam e inundando o velho Jardins de arrepios. Silhuetas do *Canito*, do *Galante* e dos outros cavalos. Dos cavalos mais belos do mundo, únicos e lendários, que faziam do horizonte uma terra de maravilhas em andamento. E o meu velho pai sabia que eles viriam, que passariam defronte da varanda, galopando como filhos do vento. Era porventura a única certeza da sua vida.

Porém, eram ainda um mistério para mim. Eu nunca os conseguira ver, embora tentasse distingui-los numa qualquer forma de vida. Procurara-os sobretudo na lógica dos meus olhos, na racionalidade própria de quem apenas acredita no que vê. Mais tarde, comecei a procurá-los em sombras brilhantes ou em fantasmas de fumo. Mas nada vi que pudesse ser visto. Só depois percebi que eles não existiam. Que talvez fossem cavalos invisíveis e que o meu pai tivesse poderes especiais. Um mago do mundo a inventar prodígios e a fazer alquimias para alimentar a alma. Até que me rendi à realidade: o meu pai estava noutra estado da consciência e exilado do mundo. Num lugar longínquo da mente, para lá da fronteira que os homens inventaram. E era nisso que todos acreditavam na nossa aldeia: que o velho Jardins já não estava no seu juízo, que tinha ensandecido. Que aquilo era uma coisa digna de figurar nos anais da maluquice.

Na verdade, todos sabiam da história do velho Jardins, que via cavalos que mais ninguém via. E nenhum ser à face da Terra podia vislumbrar os seus corcéis, feitos de ilusão e gerados nos confins da alma, nascidos num dia em que um sol rebentara no meio de uma planície de dor e o libertara

da prisão do mundo. Da tristeza da perda, da solidão. Mas ninguém percebia porquê. Porquê cavalos? Só sonhos antigos o poderiam explicar. Talvez sonhos cumpridos. Talvez sonhos por cumprir.

Talvez ele tivesse fugido da solidão, da prisão de todas as coisas sofridamente reais, seduzido por campos de luz. Uma libertação que estranhávamos, que nos inquietava, e que despertava o nosso medo pelas coisas que não entendíamos. Como os mistérios invisíveis, os trilhos da alma que nos definem.

Como todos os homens, o meu pai lutara a vida inteira para ser aceite no mundo dos outros, como um deles, como um ser individual que desiste de si em prol do bem-estar coletivo. Um ser quase envergonhado por sonhar e aprisionado nos enredos. Um ser sozinho dentro de si, esperando do mundo um sinal que lhe avivasse o ânimo e o relembresse dos caminhos da doçura.

Eu olhava-o e percebia. Sabia que o lastro de um homem durante toda a sua vida é o de resguardar os sonhos em recantos da alma, sagrados, intocáveis, à espera do dia em que os milagres aconteçam e a alma reencontre a frescura perdida dos tempos de infância. Como a inocência dos pássaros que esvoaçam dentro de cada um de nós, num espaço exíguo, voando e batendo nas grades da gaiola em que os enclausurámos, até os seus voos ficarem cada vez mais repetitivos, tristes e raros. Pássaros cujas asas se tornaram inúteis de tanto tempo engaiolados, chilreando apenas melopeias tristes, carregadas de desilusão por tão servil rendição.

Talvez o meu pai tivesse por fim libertado os pássaros dentro de si e escancarado as portas da gaiola e os

sonhos-pássaros se tivessem transformado em cavalos belos e livres, porventura alados, sobrevoado os montes e os vales que lhe faziam a fronteira do pensamento. Depois, talvez os cavalos-pássaros se tivessem juntado à manada dos filhos do vento, dos cavalos magníficos das planícies, da qual se perderam num dia de sombras. E partido com eles ao encontro do seu ser, rumo a um novo tempo, nos relógios do qual já nada existe.

Porque há uma altura na nossa vida em que conquistamos o direito de idealizar o nosso mundo, de o tornar uma zona livre, quando a nossa alma se converte lentamente num território independente, sem as leis dos outros a regerem os nossos anseios. Uma altura em que o espírito se liberta dos ideais mundanos e constrói novos traços de horizonte, sem lugar para o tempo e para as amarras da realidade, renascendo para viver uma nova vida e novos sonhos. Uma vida semelhante a uma nuvem viajante, rebelde e solitária, fugindo de um lugar para o outro ao doce sabor de um vento. Porque os tempos são ventos, não mais do que sopros velozes, quase tão breves como a vida, tão cheia de insignificâncias.

No fundo, talvez a vida nos ensine isso, que é preciso ser-se feliz no que resta do tempo. E que essa é a nossa obrigação, a de tentarmos ser felizes neste mundo, nem que para isso tenhamos de atravessar as nossas próprias fronteiras, escolhendo a liberdade de vaguear pelo que resta dos nossos sonhos. Segui-los, ousar partir à descoberta de outros lugares da alma, lugares autênticos, porque são absolutamente secretos. Lugares onde os amanhãs hão de explodir como flores primaveris, pois só assim nos acharemos,

só assim renasceremos na neblina da nossa incerteza, penetrada pela luz de uma nova esperança.

Observando o meu pai, eu acreditava que ele assim se fizera livre. Um vagabundo sem tempo, um astro viajante do Universo. Um vagabundo-alma, buscando acasos belos e puros num novo mundo da própria mente, há muito ansiosa por se libertar. E que os dias deixaram finalmente de existir, de o magoar, quando pôde alcançar a eternidade de um novo sorriso, nascido no lugar onde a água da fonte se desperdiça sem saber.

«Aonde, meu pai?», perguntei-lhe, sentado ao seu lado a ler um livro, na varanda de onde se via o outono. Talvez chovesse amanhã.

«Já não os vejo, vizinho. Mas vinham a descer a serra. Devem estar agora ao pé do rio. Correr faz sede.»

«Pois faz, pai.»

Longe iam os dias de alguma luz na minha vida, quando o meu pai ainda não vivia nessa espécie de limbo, nessa estação sem dias nem tempo em que não se lembrava de ninguém. Nem sequer de mim, do próprio filho, a quem tratava por vizinho. «Bom-dia, vizinho.» «Ó vizinho, se é que está um frio.» Sempre por vizinho. Também não se lembrava da nora, a quem tratava por menina. «Obrigado, menina» ou «não me está a apetecer comer, menina.» Aos netos, via-os como uns catraios que andavam por ali, filhos do vizinho e da menina.

O meu velhote já só era feliz quando avistava os seus cavalos. Ficava horas a olhar para o fundo do jardim, esperando o seu regresso. Sabia que passariam por ali, defronte da janela onde apoiava o cotovelo para segurar a cabeça

viajante. Sentado numa velha cadeira que só queria envelhecer em paz. Como naquele fim de tarde, naquele sábado inútil e de tão tímido outono, em que o velho Jardins ficou tão entusiasmado quando avistou os cavalos ao longe que se levantou como uma mola, deixando a pobre cadeira atordoada e espantada, até mesmo indignada, por não a deixarem dormir a sesta. O que era uma indignação justa, pois era uma cadeira de velhos, bucólica e pachorrenta, que preferia tardes sem nada e nas quais o tempo se mastiga sozinho. É certo que já fora em tempos uma cadeira nova, um belo pedaço de madeira envernizada em que se sentavam as visitas, o orgulho daquela casa. Mas o tempo passara e era agora apenas um assento que rangia a cada movimento, com tanto reumatismo nas quatro pernas que só servia para desenrascar. Não era sequer um assento de sala de jantar, ainda útil e com uso, mas somente uma cadeira idosa em que se sentava um velho silencioso, um assento que gostava de ficar quieto a ouvir rádio, até lhe chegar o sono. Mas Jardins não era como os outros velhos, via coisas. Sobretudo cavalos. Cada vez que os via, levantava-se bruscamente e sem pré-aviso, sem consideração nenhuma pela companheira das tardes, pela cadeira que gostava de dormir. Era um idoso que ficava com os olhos entusiasmados e que se transformava num velho criança, ficando horas a olhar para o fundo do jardim, sempre à espera de ver chegar a manada dos filhos do vento cavalgando a caminho das planícies.

«Devem estar a aparecer, vizinho. É quase noite. E o *Galante* deve vir à frente. É um cavalo valente.»

«Pois é, pai.»

Eu já conhecia aquele ritual diário. Todavia, por cada dia que passava, menos me sentia preparado para responder, preferindo apenas imaginar as coisas que não via: o vento sussurrante, o perfume das dalias, o sono das montanhas, os cavalos do meu pai. Mesmo os grilos pareciam bichos secretos, conversando uns com os outros sem serem vistos, alheios ao latido dos cães maldispostos, algures na distância, ajudando-se uns aos outros a fazer barulho, talvez para enxotar a raposa, talvez para ameaçar fantasmas. E todos os sons tinham uma lógica, todos faziam parte do que eu era: os risos dos meus filhos a brincar, o ranger da velha cadeira do meu pai, a voz da minha mulher a cantar na horta, o som de uma mota a subir a serra, o badalar do sino a dar as horas, o vento suave a acariciar as árvores, o rádio a pilhas a falar sozinho, os pássaros a chilrear em volta dos ninhos. Todos sons daquele lugar, do meu lugar no mundo.

Entretanto, o dia ia escurecendo, enquanto eu olhava para o horizonte, pressentindo todos os tempos e todos os sonhos. Na distância, via pássaros que atravessavam o pôr do Sol, alados mensageiros dos tempos das ternuras, chilreando maravilhas perdidas. Gostava de ficar a vê-los voar livremente, imaginando-lhes as tarefas, os ninhos e os filhotes, sem me aperceber de que eles me chamavam, seduzindo-me a partir campos fora, munido de um simples varapau, de uma sacola e de um cão para me fazer companhia, até encontrar a nascente de um rio ou a vista esplendorosa de uma montanha, onde me redimiria dos dias.

«Olhe, vizinho. Aí vêm eles. Anda, *Canito*. Anda. Segue os cavalitos grandes.»

A pequena alegria do meu pai era digna de se ver. Parecia um velhinho a caminho de voltar a ser criança, inventando mundos só para si, tão belos que eu sentia uma boa inveja cheia de ternura. Ao sentir a chegada dos cavalos no horizonte, que logo passariam à frente da nossa casa, foi até à ponta da varanda, arrastando os pés com vontade, nuns chinelos coçados pelo uso dos últimos anos. Queria seguir os cavalos com os olhos, mirá-los em grupo seguindo-se uns aos outros, felizes, príncipes do vento. Vê-los a saltar por cima das sebes como herdeiros da liberdade. Sempre que os via, tremia de emoção, sonhando que ia dançar com eles nas planícies, que ia ver o mundo. E derrotava as tardes paradas e pensativas, até elas ficarem mais parecidas com os dias antigos. Como essa tarde de sábado, mastigada mas boa para sonhar.

«Vizinho, venha ver. Depressa. Olhe os cavalos», rejubilou o meu velhote, sorrindo meio desdentado e espalhando felicidade.

Ato contínuo, fui ter com ele à ponta da varanda e fiquei pacientemente a olhar para o fundo do jardim para lhe fazer a vontade.

«Olhe que bonitos. São ou não são uma maravilha?»

«Pois são, pai. São muito bonitos.»

Eu fazia sempre de conta que também conseguia ver os animais, os cavalos-sonhos. Mas era uma mentira de paz, carregada de amor pelo meu progenitor. Há muito que eu sabia que há mentiras mais bonitas do que a verdade.

Entrementes, a noite vinha sorrateira, assomando já ao longe e engolindo a luz das montanhas. As sombras das árvores começavam a despedir-se, embrenhando-se no

crepúsculo, cansadas de sol. Só algumas trabalhariam na noite que se aproximava, para seguirem os aldeões ruelas fora, quando estes se fartassem da conversa tardia na tasca do Henrique e voltassem para as suas casas, balouçando lanternas. Sombras bruxuleantes, caminhando na calçada irregular da aldeia, coladas a corpos de gente.

Quando os cavalos começaram a esbater-se no horizonte, o meu velhote esboçou um sorriso, daqueles de sonhador, e disse:

«São tão belos. Viu as crinas ao vento, vizinho? Os cabelos dos cavalos? Ah, quem me dera ir com eles até às planícies.»

Eu olhei-o e sorri. Já não estranhava a sua emoção. Eu não podia ver os cavalos, pois eram apenas do meu pai, um património dos seus olhos, um legado do seu espírito. Uma clara oferta dos deuses para a sua velhice. Um antídoto para a solidão que tanto mirra os idosos, comendo-lhes aos poucos a parte feliz dos olhos e alojando-se no peito como vírus, até lhes sugar as vontades. Mas não a ele, amante dos ventos.

Sim, o velho Jardins via cavalos que não existiam.

Ou talvez os outros não os conseguissem ver.